

Sobre a tarefa de traduzir (1839) ¹

Johann Karl Albrecht *SCHÄFER* ²
(Tradução: Tito Lívio *CRUZ ROMÃO*) ³

Entre os dois tipos de atividade literária, o livre criar e o reproduzir obras estrangeiras, sempre prevalecerá, em função do nível cultural de um povo e de sua maior ou menor autonomia, ou bem um ou bem o outro. No caso do povo alemão, cuja cultura já em seus primórdios foi baseada em uma literatura estrangeira, a dos gregos e romanos; o povo alemão que, por necessidade e por respeito ao elemento estrangeiro, foi atraído e conduzido por produções científicas dos povos vizinhos que se lhe anteciparam em instrução humanística; um povo que, por sua posição no mundo, sua localização no coração da Europa, é orientado e vocacionado para um tráfego ininterrupto em todas as direções: o seio deste povo é natural que, dentre aqueles dois tipos de atividade literária, o da reprodução e apropriação do elemento estrangeiro seja praticado com predileção e muito mais diligência do que em outras nações. Afinal de contas, quando alguém, já nas esferas mais simples da vida, gosta de transplantar para dentro de sua própria casa tudo aquilo que conheceu e a que se afeiçãoou no estrangeiro, e busca torná-lo familiar em seu próprio círculo, um desejo desses é muito mais natural quando não se refere a este ou àquele bem-estar da vida física, mas sim à cultura e ao enobrecimento do espírito.

Tanto mais importante é, nessa direção e especificidade da nossa literatura, a resposta à pergunta sobre que tipo de transplantação e apropriação de obras estrangeiras seria a mais apropriada, ou qual seria o melhor método de tradução.

¹ A presente tradução, da autoria de Tito Lívio Cruz Romão (UFC), foi parte integrante de sua tese de doutorado em Estudos da Tradução, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina.

² Johann Albrecht Karl Schäfer nasceu em Ansbach, uma pequena cidade do atual estado alemão da Baviera, no dia 22/05/1800 e faleceu em 30/09/1862. Durante 40 anos foi professor do Liceu de Erlangen, tendo publicado alguns ensaios, dentre os quais se destaca *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* (1839), publicado aqui pela primeira vez em língua portuguesa. Neste ensaio, Karl Schäfer apresenta suas predileções e tendências teórico-práticas sobre o ato de traduzir, opondo-se de maneira clara ao método de tradução proposto por seu contemporâneo Friedrich Schleiermacher e pelo célebre tradutor Johann Heinrich Voss. Cf. o texto original: SCHÄFER, Karl. *Die Aufgabe des Uebersetzens*. Erlangen: Jung'sche Universitäts-Buch-Druckerei, 1839.

³ Professor de Língua e Cultura Alemã na Licenciatura em Letras/Habilitação Português-Alemão e membro do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará. Contato: cruzromao@terra.com.br

Pois no traduzir não se dá como no livre criar, em que a forma se faz quase inconsciente e involuntária; contrariamente, mais do que em qualquer outro contexto, aqui se reverenciam a procedência e o exemplo, no modo como bem ensina a experiência de que uma maneira adotada ou uma invenção aprovada logo costumam atrair um grande número de traduções. Não obstante, quaisquer tipos e degenerações sempre possíveis cairão entre os dois extremos, sacrificando-se a forma em nome do conteúdo ou o conteúdo em nome da forma. Se, na verdade, a apropriação não deve ocorrer com o sacrifício da forma, que em obras de arte poéticas e retóricas não é menos importante que o próprio conteúdo, isto é, a tradução não deve simplesmente ser interpretação ou também paráfrase; e se, por outro lado, uma forma inteiramente estrangeira não deve dar lugar à forma do original, no que este, por seu turno, perca metade do seu teor, ou seja, não deve ser gerada uma mera reprodução; então, o único caminho restante é que ocorra uma transigência mútua de modo mediador, pois, como em qualquer compartilhamento e apropriação, também aqui a condição é que uma parte venha ao encontro da outra, que determinados aspectos sejam sacrificados, para que, em contrapartida, outros sejam permutados. Mas quais seriam os limites desse sacrifício e o ponto em que ambas as partes se encontrariam? Eis a questão a ser abordada aqui.

Schleiermacher tentou solucionar a mesmíssima questão em seu conhecido ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de traduzir” (conferência proferida em 24 de junho de 1813, impressa nos Ensaios da Disciplina de Filosofia da Academia Real de Ciências, Berlim 1816, p. 143-172). Só que os princípios de que ele se declara partidário e os resultados a que o curso de sua pesquisa o conduziu já são tão espantosos e desnaturais que esse seu ensaio pode valer como uma das muitas provas de como nem mesmo o discernimento de pensadores perspicazes e coerentes, ao se encontrarem imbuídos de uma determinada prática e ao quererem justificá-la sistematicamente, costuma renegar o obséquio dos sofismas. Não obstante, a prática que subjazia àquela análise era o método de *Voss*, que ainda predominava, em geral, naquele tempo. Por conseguinte, se lográmos contestar *Schleiermacher*, haveremos evidenciado, ao mesmo tempo, a degeneração daquela escola de tradução, para podermos, então, mostrar mais livremente com que direito doravante se começa a deixar, paulatinamente, o caminho a que aqueles dois corifeus, por meio de suas palavras e de suas obras, conduziram a Nação. Agora se fará necessário, principalmente, destacar e examinar aquelas sentenças, através das quais o sistema de *Schleiermacher* exprime-se de forma mais nítida.

Ele próprio pressupõe duas possibilidades para o traduzir: primeiramente, que o autor estrangeiro se encaminhe para o leitor, ou o leitor, para o autor; em segundo lugar, que ambos se encontrem num ponto intermediário, isto é, na posição do tradutor. “As duas partes separadas (autor e leitor) ou terão de encontrar-se num ponto intermediário, e este sempre será o do tradutor, ou uma delas terá de subordinar-se por completo à outra; e destes dois procedimentos apenas um pertence ao âmbito da tradução; o outro entraria em cena, se, em nosso caso, os leitores alemães se apoderassem completamente, à guisa de exemplo, da língua romana ou, ao contrário, esta deles se apoderasse a ponto de transformá-los.” Pela subordinação do leitor ao autor, entende ele a leitura do autor na língua original; pelo encaminhamento do autor para o leitor, a completa germanização do romano, de tal modo que a tradução não mostraria este “como ele próprio teria traduzido, mas como ele, originariamente como alemão, teria escrito em alemão”. Ora, uma vez que, no primeiro caso, o conceito de tradução, por si só, se anularia, porque o leitor não careceria desta, e já que o outro caso seria impossível, restaria, pois, apenas a terceira via, isto é, a posição do tradutor, cuja tarefa seria, segundo Schleiermacher, “comunicar aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que aquele mesmo obtivera pelo conhecimento da língua original da obra, tal como ela é, e movê-los então para sua posição, que na verdade lhes é alheia.”

Mas se agora indagarmos que compreensão da língua original esse tradutor realmente tentaria imitar, ou em que nível do conhecimento deveríamos imaginá-lo, *Schleiermacher* então distinguirá, aqui, entre duas compreensões. Na primeira, a tradução *estaria proibida* de imitar, trata-se de “uma compreensão escolar, que ainda se debate penosa e quase repugnantemente por entre os pormenores, e por isso ainda não logra, em nenhum lugar, um panorama do todo, uma percepção viva do conjunto.” Em oposição a essa compreensão, encontra-se uma outra que não *seria possível* imitar, a compreensão daqueles raros homens que passam a pensar e viver tão por completo dentro de uma língua estrangeira e das produções desta, que já não são mais conscientes da sua própria língua materna, ao lerem autores estrangeiros, e que, por conseguinte, se encontram num ponto em que o valor do tradutor é zero. E dessa maneira prossegue Schleiermacher em suas conclusões: “O traduzir refere-se, desse modo, a um estado que se encontra no centro entre esses dois; e cumpre ao tradutor, portanto, ter como meta proporcionar a seu leitor uma imagem tal e um prazer tal, assim como a leitura da obra na língua original garante ao homem tão instruído, que costumamos chamá-lo, na melhor acepção da palavra, de amante e conhecedor, a quem a língua estrangeira é familiar, mas a quem sempre *continua estrangeira*; que não mais

necessita, como os alunos de escolas, primeiramente pensar os pormenores na língua materna, antes de compreender o todo; mas que, também ali onde desfruta das belezas de uma obra com o máximo sossego, sempre *permanece consciente da dessemelhança existente entre a língua estrangeira e sua língua materna.*”

No entanto, o fato de um tradutor desse tipo, de acordo com sua situação de mediocridade, “tão-somente poder encetar a mesma compreensão de que ele próprio desfruta, na qual estão impressas, no fundo, as marcas do esmero”, o fato de ele apenas ser capaz, portanto, de dar a seu leitor uma tradução tal que sempre lembra a este, a cada palavra, que está a ler algo traduzido, algo estrangeiro, uma tradução cuja compreensão lhe oferece as mesmas dificuldades que o autor ao tradutor, e a qual até mesmo não se entende sem ter o original em mãos – tudo isto *Schleiermacher* não só reconhece como inofensivo, mas também enxerga, justamente aí, a tarefa principal e a glória maior de seu método! “Como deve fazer o tradutor”, pergunta ele, “para transplantar também em seus leitores justamente essa sensação de estar perante conteúdos estrangeiros?” “A exigência indispensável do traduzir”, responde ele, “é uma postura da língua que não apenas não é cotidiana, mas que também sempre deixa pressentir que ela não se desenvolveu tão inteiramente livre, que ela, muito mais, *curvou-se em direção a uma semelhança estrangeira.*” Portanto, em resumo, uma tradução não deveria ser *totalmente alemã*, mas apenas *meio alemã*, e o próprio tradutor somente deveria ter conduzido o leitor a uma *meia* compreensão do autor, deveria estar no meio entre o iniciante e o mestre, ou seja, ser um amador; e a tradução, no final das contas, não deveria valer sequer como um fim em si mesmo, mas tão-somente servir como um recurso auxiliar para compreender o autor e assumir o lugar de um comentário permanente.

Se, surpreendidos por essas frases, fizermos um retrospecto da evolução desta análise e examinarmos como foi possível perder-se em meio a afirmações tão desnaturais, deparamo-nos, logo no início da argumentação, com um erro lógico. Na verdade, após *Schleiermacher* haver corretamente distinguido entre paráfrase, imitação e tradução, e haver designado as duas primeiras como marcos dos limites do domínio da última, o conceito de tradutor é, apesar disso, expresso de modo tal que uma parte desse conceito fica visivelmente fora da definição. Para o *verdadeiro tradutor*, afirma ele, somente existem dois caminhos: “ou o tradutor deixa o escritor, o máximo possível, em paz e encaminha, na direção deste, o leitor, ou deixa o leitor, o máximo possível, em paz e encaminha, para este, o escritor.” Ora, esses dois caminhos são anunciados de tal modo que num deles se encontra

o *reproduzir* ou a completa germanização. Embora aquele primeiro caminho, explica ele mais à frente, abrangesse também a *manutenção do texto na língua original*, isto já se excluiria por si só.

Havendo lançado o tradutor, tão curiosamente, entre a manutenção do texto original e a completa germanização, crê ele haver provado ao espantado público que a este conviria, como língua, uma algaravia de semialemão ou não-alemão. Isto ele exprime com bastante clareza, ao opinar que não seria necessário fazer o autor estrangeiro falar tão perfeitamente alemão, como se houvesse nascido e sido educado na Alemanha, mas sim como se ele eventualmente tivesse aprendido a escrever alemão, se tivesse aprendido pelo mesmo caminho pelo qual o tradutor teve de aprender a língua do autor. Ora, coerentemente, prova, em seguida, que a literatura traduzida teria de ter a sua própria linguagem, que esta se dividiria em tantos ramos quantos povos houvesse, de cujas literaturas quiséssemos apropriar-nos, de tal forma que, por essa via, acabaríamos obtendo uma porção de tonalidades linguísticas, cuja cor, logo à primeira vista, permitiria, ao leitor versado, reconhecer em que língua vernacular estaria escrito o original. Desse modo, obtemos, então, um greco-alemão, um romano-alemão, um italiano-alemão e um hispano-alemão! Afinal de contas, afirma ele, a meta aparentemente não teria sido atingida pelo fato de um espírito estrangeiro inspirar o leitor; ao contrário, se este devesse ter uma noção da língua original e daquilo que a obra deve a esta, não somente precisaria ter a sensação totalmente indefinida de que aquilo que ele está a ler não soa inteiramente vernacular, mas que isso também *teria de soar-lhe como uma determinada coisa*. E, caso ele possa tecer demasiadas comparações, acabará sendo, gradativamente, dotado de um ouvido para distinguir tanto entre o antigo e o moderno quanto entre a origem helênica e a romana ou entre a italiana e a espanhola. Entretanto, *Schleiermacher* não se dá, absolutamente, por satisfeito com isso; ao contrário, ainda insistindo nessa individualização, exige que, além da dessemelhança entre as nações, também devam ser manifestados os períodos de formação destas e até mesmo as singularidades dos diferentes autores. “E, contudo”, afirma ele, referindo-se ao supramencionado, “isso ainda sequer chega a ser a meta suprema; ao invés disso, o leitor da tradução somente se equipará ao melhor leitor da obra na língua original, se estiver em condições de pressentir e, paulatinamente, de entender, para além do espírito da língua, também o espírito específico do autor na obra.” De tal modo que, nesse momento, obtemos, no seio desse alemão de tradução, para além do greco-alemão, não apenas um greco-ático-alemão, mas também um greco-ático-sofocliano-alemão!

Mas como é possível, perguntamo-nos, solucionar essa infinita tarefa com os meios que possui o tradutor alemão, já que só lhe estão à disposição palavras alemãs, construções alemãs, locuções alemãs, e já que, como observa o próprio *Schleiermacher*, o sistema dos conceitos e dos símbolos destes na língua do tradutor é inteiramente diferente do seu correspondente na língua original, e os radicais das palavras, ao invés de coincidirem em sincronia, acabam por cruzar-se entre si nas mais esquisitas direções? Respondemos a essa pergunta sem receio: *Schleiermacher deixa o tradutor criar sua própria língua*. Certamente ele não pode estar querendo afirmar isso, pois ele mesmo lembra que as línguas não são inventadas, e que todos os trabalhos puramente arbitrários com as línguas e nas línguas não passam de tolice. Mas será que se pode imaginar maior arbitrariedade do que *querer curvar a língua materna a uma semelhança estrangeira*, sendo isto para ele, aliás, a principal tarefa do tradutor! Isto significa outra coisa além de criar sua própria língua? Afinal de contas, o que acontece para que se dê, à língua materna, a cor do elemento grego ou latino? Tiram-lhe a roupa em que ela se movimenta com liberdade e conforto, e a comprimem na rígida vestimenta de uma ordem de palavras reproduzida do idioma estrangeiro. Impingem-lhe formas, construções, locuções e imagens, contra as quais se opõe o gênio da língua. Para se conseguir uma palavra próxima ou correspondente à expressão do original, escolhe-se arbitrariamente a partir da riqueza da língua materna, sem atentar para a diferença dos tempos e das circunstâncias, entre o antigo e o moderno, e colocam-se os elementos uns ao lado dos outros de um modo desordenado: numa permuta mecânica, coloca-se símbolo após símbolo e acredita-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua. Um produto artificial deverá substituir a algo vivo, a um organismo que se forma inconsciente, porém livre, a partir da vida dos povos e dos indivíduos, cujas partes carregam-se e condicionam-se mutuamente como os membros de nosso próprio corpo! Um traduzir que se serve de tais recursos não mais é imitação, traz a característica da macaqueação. Pois enquanto aquela pressupõe, por parte do imitador, uma posição e um *caráter* próprios, que ele aspira formar de acordo com o seu protótipo, este celebra o triunfo da incapacidade, ao ver-se igual ao protótipo, enfeitando-se com retalhos de singularidades insignificantes e apropriando-se, com satisfação, de gestos, andar e postura; afinal de contas, a esta artificialidade, aplicam-se muito bem as seguintes palavras de *Schiller*: o modo de ele cuspir e pigarrear, vocês souberam copiar prazerosamente!

Esse procedimento mecânico chama o máximo de atenção em versões de produções poéticas. Suponhamos que nós, o que não é o caso, tivéssemos em nossa língua os recursos

necessários para tal permuta servil, que nós tivéssemos condições, por exemplo, de restituir o metro do protótipo com a mesmíssima forma, é lícito, então, afirmar que, por si só, uma tradução literal da obra de um poeta já se configura como uma impossibilidade; e as dificuldades que fazem parecer irrealizável a associação do elemento musical da língua, que se revela no ritmo e na mudança de cadência, com a esfera dialetal e gramatical, estas o próprio *Schleiermacher* examina em profundidade.

Mas como seria, se não pudéssemos transplantar nem o ritmo nem a métrica de uma outra língua, antiga ou moderna, diretamente para a nossa, sem que ambas se tornassem algo totalmente diferente, uma vez que não possuímos os mesmos meios e ferramentas para isso! É sabido que a prosódia e a entonação da nossa língua são inteiramente diferentes das do grego e do latim. Enquanto uma marca a agudez e a gravidade do timbre, importam, àquela outra, a força e a fraqueza da sílaba. Falta-nos, por completo, um verdadeiro metro, pois temos apenas um relativo peso da sílaba, proporcionalmente menor ou maior. Por este motivo, não nos é possível colocar diversas sílabas longas e breves umas ao lado das outras, justamente porque o peso duma sílaba sempre é determinado pela sílaba contígua, de tal forma que normalmente a sílaba longa é seguida de uma sílaba breve, e vice-versa. O nosso ritmo consiste num subir e descer em troqueus e iambos, em dátilos e anapestos, e todos os outros pés nos são, no fundo, impossíveis. Não obstante, mesmo esses troqueus e iambos, mesmo esses dátilos e anapestos não correspondem aos antigos metros que levam o mesmo nome. Para se perceber isso com clareza, basta pensar, por exemplo, na lei da dipodia, basta pensar na regularidade com a qual o dátilo e o anapesto sempre, no metro clássico, são iguais ao espondeu.

Mas se agora tentar-se produzir, sem maiores delongas e com violência, uma imagem fiel, em forma e conteúdo, de um protótipo estrangeiro, em prosa ou poesia, qual será e deverá ser a consequência disso? Surgirá uma combinação monstruosa, uma mistura de todos os tipos de linguagem possíveis, um produto matizado, desnatural, que, já de início, renuncia ao caráter do estético e do belo. Afinal de contas, aquilo que é belo, diz *Horácio*, precisa realmente ser, em si mesmo, justamente singelo, uno e condizente.

Se, no domínio da experiência obtida com os resultados desse tipo de tradução, olharmos em volta e aferirmos a correção do método utilizado conforme as provas existentes, o próprio *Schleiermacher*, com sua tradução das obras de *Platão*, fornece-nos uma prova de que impressão desagradável *uma tal língua curvada à semelhança estrangeira* necessariamente terá de produzir. Certamente, isto ficaria ainda mais evidente e mais claro,

se quiséssemos observar as longas séries de traduções da escola de *Voss*, pois o equívoco do professor alçou-se nos produtos do seu grande público seguidor, percorrendo todos os estágios da distorção linguística até chegar à caricatura. Entretanto, para o objetivo aqui almejado, o exemplo único do mestre já nos basta. Como já foi observado anteriormente, *Voss*, desde longa data, já exercitava na prática o que *Schleiermacher* executa de forma sistemática, embora aquele fique para trás em relação às exigências deste, pois lhe falta o insinuar, o entrar nos mais diferentes elementos, em suma, aquele caráter proteiforme que *Schleiermacher* exige. Mas aquele greciza e latiniza a língua materna da mesma maneira que este, estando, assim, na mesma categoria que ele, embora tenham chegado à mesma prática a partir de diferentes posições. Na verdade, *Schleiermacher* acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e *Voss* acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão não-alemã quanto a de *Schleiermacher*, e vice-versa. Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de *Voss* exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista. A partir da tradução de *Homero*, de longe a mais meritória entre suas obras, apesar de mesmo esta não lograr o tom do original, pôs à nossa frente *Virgílio*, *Ovídio*, *Horácio*, *Teócrito*, *Tíbulo*, no final até mesmo *Aristófanes*, todos com uma roupagem talhada no mesmo corte, com a mesmíssima fisionomia. Em todas as traduções, a mesma uniformidade, a mesma postura equânime da língua com o máximo de diversidade dos originais conforme a época, a temática e a edição⁴. Mas, por certo, a tais traduções, não cabe outro mérito que o de um comentário, na medida em que servem, àqueles que não dominam bem a língua original, como subsídio para a compreensão, embora estejam muito longe de reproduzir um retrato do protótipo em tom, cor e singularidade, aniquilando, dessa forma, por completo, todo o encanto da personalidade do escritor. Alguém bem que poderia acreditar ter o direito de buscar o motivo dessas falhas aqui criticadas não no princípio, mas na personalidade do homem! Pois não se trata apenas disso! Deixando-se de lado a tendência de *Voss* para o exagero, para o empolado, a sua predileção por expressões provincianas vulgares e por formações de palavras que enchem mais a boca do que fazem sentido, o erro realmente reside na suposição de poder e de ter de reproduzir o original literalmente, obedecendo à

⁴ Em contrapartida, os textos para tradução no Programa Pedagógico das Escolas de Erlangen do ano de 1833 representam um contraste, onde se ilustra, da maneira mais exitosa, o princípio de que todo escritor deve ser traduzido conforme o tom da sua língua, inclusive num tom alemão semelhante.

forma e ao conteúdo. Pois é daí que resulta, em poucas palavras, aquele caráter da tradução mais quantitativa que qualitativa, que é uma característica de todas as suas traduções.

Foi na tradução de obras de Shakespeare que o procedimento de *Voss* mostrou-se com a maior evidência. Em se tratando dos clássicos, já se está inclinado, desde o princípio, a prescindir de fluência, inteligibilidade e graça nas traduções. Nosso respeito por elas é tão grande, desde a escola, que não temos, absolutamente, a esperança de vê-las parecer entre nós de algum modo familiares e vernaculares. Acresça-se a isto que o grande intervalo de tempo e as lacunas de mediação – que dirá de tradução – permitem duvidar da possibilidade de compreensão, e onde a sensibilidade muitas vezes reprova com firmeza, faltam os recursos da prova. Todavia, no caso de um escritor tão próximo de nós, como *Shakespeare*, cujo ar nós próprios ainda respiramos, com quem, de certo modo, ainda pisamos o mesmo chão, onde temos, de forma mais presente, o complexo de relações e circunstâncias; no caso de um escritor dessa estirpe, não apenas é fácil perceber o caráter desnatural e inverídico da tradução, como também é possível, simultaneamente, mostrá-lo e prová-lo; e o fórum não é formado apenas por um ou outro iniciado, em quem o povo tenha de acreditar; ao invés disso, aparece, na qualidade de competente juiz, um grande público formado de peritos, para os quais, em parte, a língua do autor é sua língua materna. A tradução de *Voss* tem o mérito da mesma meticulosidade e do mesmo cuidado, assim como tudo mais que foi produzido pelas mãos desse louvável homem; entretanto, o princípio, ou a violência que é causada ao gênio da língua alemã, aqui se vingou da maneira mais perceptível perante a tradução de *Schlegel* e de *Tieck*, o que também afirmamos em relação à tradução de “Sonho de uma noite de verão” (do *Voss* pai)⁵, que talvez possa ser considerada a parte mais bem sucedida dessas traduções.

Entretanto, a este juízo emitido contra *Voss*, opõe-se um juiz que impõe respeito e veneração. Trata-se de ninguém menos que o próprio rei dos nossos poetas e prosadores, *Goethe*⁶, ao reconhecer o método de tradução de *Voss* como o terceiro e último ou o mais perfeito, ao afirmar o seguinte: “Esse procedimento sofreu no início a maior resistência; pois o tradutor que se atém firmemente a seu original abdica mais ou menos da originalidade de sua nação, e assim surge um terceiro elemento, para o qual o gosto do público primeiramente precisa desenvolver-se. De início, o *Voss* passível de jamais ser apreciado a

⁵ Os filhos de Johann Heinrich Voss, Heinrich und Abraham Voss, trabalharam na tradução de nove volumes de obras de Shakespeare com o pai.

⁶ Nas notas e nos ensaios acerca do *West-östlicher Divan* [Divã oriental-ocidental], Parte VI, p. 229

contento não logrou satisfazer ao público, até que aos poucos as pessoas foram acostumando e acomodando o ouvido ao novo gênero. Mas quem neste instante ignora o que aconteceu, a versatilidade que aportou entre os alemães, os privilégios retóricos, rítmicos e métricos de que dispõe o inventivo e talentoso jovem, a maneira como *Ariosto* e *Tasso*, *Shakespeare* e *Calderón*, como estrangeiros germanizados, são doravante apresentados para nós dupla e triplamente, pode ter a esperança de que a história literária declarará abertamente quem seguiu esse caminho enfrentando diversos obstáculos.”

Conforme suas palavras, esse juízo é contrário ao nosso, mas não o é, em absoluto, no que tange a seu objeto e seu sentido. Pois reconhecemos, juntamente com *Goethe*, o grande mérito dos primeiros trabalhos de *Voss*, com que ele abriu caminho e produziu aquela versatilidade da língua: mas combatemos as degenerações dele próprio e as de seus imitadores, bem como os exageros teóricos de *Schleiermacher*. Os mesmos exemplos e modelos elencados por *Goethe*, isto é, *Shakespeare* e *Calderón*, de *Tieck* e *Schlegel*, também são considerados por nós como paradigmas de boas traduções. Afinal de contas, também nós queremos uma evolução da língua, contanto que não seja mais violenta do que em outra prática literária. O fosso, como é colocado por *Schleiermacher*, entre a literatura traduzida e a autônoma, queremos sabê-lo distante. Queremos a fidelidade da forma a que aspirava *Voss*, vinculada à sensibilidade, ao trato e ao bom gosto de um *Schiller*, *Bürger*, *Wieland*, *Jakobs*.

Com esse seu parecer, *Goethe* decerto não tinha em vista as traduções tardias de *Voss*, e seu juízo sobre *Romeu e Julieta* certamente pouco deve ter diferido do de seu amigo *Zelter*, que era avesso a toda desnaturalidade⁷. Ademais, cumpre considerar que, para *Goethe*, na qualidade de leigo nas línguas clássicas, *Voss* sempre permaneceu, como antecessor e professor, uma importante autoridade, que lhe inspirava tanto mais respeito quanto menos podia investigar sobre ele. Compare-se, a esse respeito, que ponderações e objeções secretas lhe causavam as insinuações de *Voss* sobre o aprimoramento do hexâmetro⁸, não podendo nem conciliar e mediar a questão para si mesmo e com suas próprias forças, nem perceber por trás do mistério de *Voss* de que modo este queria expressá-lo. Por fim, não se pode esquecer que o próprio *Goethe* não fez nenhuma grande

⁷ Briefwechsel [Correspondência], Parte III, p. 169: “Logo em seguida, verifiquei a tradução de *Voss* e digo mais uma vez: a peça é irrepreensível. Quem a viu, olhou, leu – em inglês, em alemão -, também a leia na linguagem de *Voss*: é irrepreensível!”

⁸ *Goethes Werke* [Obras de Goethe], Vol. XXX, p. 272-273.

tentativa de tradução pelo modelo daquele mestre que admirava. Se houvesse empreendido uma obra dessa natureza, certamente teria alcançado o mesmo êxito, não com menos elegância e engenhosidade, que a composição, em língua alemã, de seu poema *Heidenröslein*. Jamais teria desviado seu rumo, para incorrer numa desnaturalidade como a prescrita por *Schleiermacher*; ao invés disso, sua sensibilidade correta decerto haveria eliminado na prática, espontaneamente, os erros da teoria consentida.

Também nesse aspecto, os antigos indicaram-nos o único caminho verdadeiro, pois, ao reconhecerem corretamente a desnaturalidade do afã de reproduzir obras originais estrangeiras com fidelidade tanto intelectual quanto literal, ou bem se satisfizeram, como se tem conhecimento, com paráfrases e adaptações, ou bem consideramos que, quando efetivamente traduziram, apropriaram-se do tema estrangeiro no espírito da língua deles e traduziram latinamente para o latim. Seria ir demasiadamente longe comprovar este fato com exemplos de diferentes amostras de traduções⁹, e muito menos queremos privar-nos de ouvir um próprio clássico falar sobre os princípios dos clássicos: foi Cícero¹⁰ quem introduziu, junto a seus concidadãos, sua tradução dos dois discursos forenses de Demóstenes e Ésquino com as seguintes palavras: *Nec converti ut interpres, sed ut orator, sententiis iisdem et earum formis, tamquam figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis: in quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omnium verborum vimque servavi: non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere, sed tamquam adpendere.*

Não obstante, também entre as nações mais novas, jamais veio à mente de ingleses e franceses querer reproduzir simultaneamente palavras e ideias do idioma estrangeiro na sua respectiva língua. Apenas nós, alemães, abraçamos essa nuvem de Íxion, simulacro de um ideal de tradução, e ainda inculcamos uma ideia grandiosa: perseguir o impossível sem

⁹ Abstraindo-se alguns versos, p.ex. em *Horácio* a partir de Alceu e Safo, na *Eneida* de *Virgílio*, a partir de Homero, nas *Éclogas* (*Bucólicas*) a partir de Teócrito, no *Cultivo da Terra* (*Geórgicas*) a partir de Hesíodo, Nicandro principalmente a partir de *Arato*, que não raro se encontram traduzidos literalmente, pode-se fazer o teste da melhor maneira com peças maiores, p.ex. com as traduções feitas por *Cícero* de obras de *Arato*, em seguida as feitas por *Catão*, o Jovem, da *Ciropédia* (8.7.) de Xenofonte, especialmente as de *Catulo* a partir de obras de Safo, Cornélio em seu *Temístocles* 9, a partir de Tucídides etc. Os textos traduzidos do latim pelos gregos (dentre os quais também traduções com originais perdidos, p.ex. Polyb. III 22,2 e Cap. 24) estão organizados numa programa elaborado por C. F. Weber: *De latine scriptae quae Graeci veteres in linguam suam transtulerunt. Cassellis MDCCCXXXV.*

¹⁰ *De optimo genere oratorum*, Cap. 5. [E não os traduzi como um tradutor, mas como um orador, usando os mesmos argumentos, tanto na sua forma quanto nas suas figuras de linguagem, em termos adequados à nossa cultura. Para tanto, não considerei necessário verter palavra por palavra, mas mantive inteiro o gênero das palavras e sua força expressiva. Não julguei que fosse apropriado contabilizar as palavras para o leitor, mas como que sopesá-las. (Trad. de Brunno Vinicius Gonçalves Vieira & Pedro Colombaroli Zoppi)]

concorrentes e rivais. Contudo, nossa língua goza de uma maior receptividade e suscetibilidade de formação de palavras do que qualquer outra das línguas modernas. Mas cumpre não termos nem demasiada nem muito pouca consciência desses méritos: a primeira circunstância leva-nos à arrogância, a segunda, à dependência. Mas ambas são igualmente indignas da nossa atual posição.

Em meados do século passado, se as traduções dos alemães eram não-alemãs, podia-se perdoar esse fato, pois desde a Guerra dos 30 Anos o povo, juntamente com sua autonomia, também perdera sua língua; e como nossa literatura somente pôde reerguer-se progressivamente à luz dos modelos da Antiguidade, era natural que se sentisse nos escritores que abriram caminho àquela época, nomeadamente, nos poetas, a presença de seus mestres estrangeiros¹¹. Em todo caso, se *Schleiermacher*, ainda em nossos dias, buscou e encontrou, no caráter não-alemão, a correta tarefa de traduzir, e impôs a pretensão de que o ouvido alemão devesse acostumar-se ao não-alemão, isto significa, pois, elevar a insensatez ao grau de lei e cometer pecados contra sua língua. Naqueles tristes dias em que a nação alemã esteve submetida à dominação francesa, e o seu sentido propendia para a sujeição, surgiram, de maneira semelhante, eruditos que tentaram mostrar que essa sujeição seria a verdadeira liberdade¹².

Desde então, a nossa língua, graças a Deus, atingiu a sua maioridade e está vocacionada a seguir autonomamente a sua própria trajetória. Todavia, da mesma forma como se aplicava outrora para a conquista de uma língua, o nosso tempo incumbe à nossa geração a tarefa de Desde então, a nossa língua, graças a Deus, atingiu a sua maioridade e está vocacionada a seguir autonomamente a sua própria trajetória. Todavia, da mesma forma como se aplicava outrora para a conquista de uma língua, o nosso tempo incumbe à nossa geração a tarefa de afirmá-la e de não fazer-lhe um mau uso que a leve, por uma confiança arrogante na sua universalidade, à macaqueação de qualquer outra língua e literatura estrangeira, numa distorção linguística vil. Pois, assim como a forte personalidade de cada indivíduo manifesta-se em distanciar-se de tudo e rejeitar tudo o que não estiver em conformidade consigo, cumpre agora à nação alemã conservar sua língua como o mais sacro

¹¹ Como se sabe, *Klopstock*, guiado por um sentimento correto, traduziu algumas de suas odes para o grego, e *Lessing* restituiu sua *Messiad*e aos hexâmetros latinos, porque ele só podia explicar muitos trechos da *Messiad*e com a ajuda do latim. Mas é *Novalis* quem chega à melhor conclusão (v. *Schriften* [Escritos], Berlim 1802, p. 372): as obras de *Klopstock* parecem ser, em sua maioria, traduções livres e adaptações de um poeta desconhecido, por intermédio de um filólogo muito talentoso, mas apocético.

¹² Cf. von Strombeck: *Darstellungen aus meinem Leben* [Representações da minha vida], Parte II, p. 51.

paládio da nacionalidade e proteger da deformação essa bela e forte criação. Todavia, parece ser uma honrosa determinação de nosso povo assimilar e transmitir as mais diversas correntes tanto na ciência quanto na vida. Todavia, com essa afluência de elementos estrangeiros formadores, com a influência da nacionalidade – já pronta e muito bem caracterizada – de outros povos, cumpre ainda mais empenhar-se pela tarefa de tirar proveito da diversidade desse contato, sem que a própria individualidade venha a dispersar-se e desvanecer-se em contornos imprecisos.

Entretanto, quais são, agora, as exigências que nós mesmos fazemos a uma tradução? Antes de tudo, é preciso que ela seja *alemã*¹³, ou seja, o caráter da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme sua singularidade, com suas características puras e nítidas. Cada um dos elementos da tradução – a ordem das palavras nas frases, a construção dos períodos, a combinação de orações, o uso dos modos, bem como a formação de palavras, a elocução, a escolha das metáforas e imagens –, em resumo, tudo e cada um dos elementos, só se pode depreender do campo da língua alemã. *Schleiermacher* sacrifica completamente essa exigência em nome de sua teoria; mas, como ele próprio não pode abster-se de reconhecer a pureza da língua como um mérito do método por ele rejeitado, nós preferimos, então, ouvir isto da sua própria boca: “Logo veremos que a língua do tradutor não tem o que temer o mínimo deste método. A primeira regra do tradutor terá de ser, por causa da relação em que seu trabalho se encontra perante uma língua estrangeira, não se permitir nada que também não seja permitido a todo escrito original do mesmo gênero na língua nacional.” Portanto, a tradução tem de ser correta, alemã sem qualquer dureza, sem quaisquer criações linguísticas impingidas e sem inovações extravagantes. O tradutor tem a capacidade e a permissão de formar palavras e expressões, criar novos significados, mas, de forma alguma, não pode ir além do que faria qualquer outro escritor. Porém, tudo o que ele nos der e oferecer precisa ser, para nós, natural e homogêneo, e corresponder à nossa especificidade. Só assim, uma nova colocação, uma nova palavra, recém-criada ou lembrada para o uso, não parecerá uma novidade; ao contrário, a suposta inovação nos parecerá, já à primeira vista, usual e familiar, assim como

¹³ Quem quer falar alemão não precisa fazer uma demonstração dos vocábulos hebraicos, mas, ao entender o judeu, cuidar em captar o sentido e, portanto, pensar: meu caro, como é que o alemão fala numa situação dessas? Se ele agora tem os vocábulos alemães que servem para tanto, então é só deixar as palavras hebraicas irem-se e falar livremente pelo sentido, *no melhor alemão que puder (Weisheiten [Sabedorias], Lutero, 2ª edição, p. 165)*.

em nossa vida costumamos saudar, já no primeiro contato, uma natureza análoga à nossa, como se fosse há muito tempo conhecida e como um acréscimo desejado pelo nosso íntimo.

Contudo, não basta que os direitos da língua não sejam violados e não lhe seja aplicada nenhuma violência; na verdade, a língua traduzida, além de correta, também precisa ser elegante¹⁴, agradável, deleitante, harmônica. Deixemos, também aqui, que *Schleiermacher* fale por nós: “Não apenas a língua nada tem a temer daquele método, como também o tradutor tem o dever, como qualquer indivíduo, de *pelo menos* observar o mesmo cuidado quanto à pureza e ao acabamento da língua, de aspirar à mesma leveza e naturalidade do estilo que devem ser creditados ao escritor da língua original.” Não vamos polemizar com *Schleiermacher* sobre o fato de ele, aqui, parecer transformar num *mínimo* da tarefa da tradução aquilo que consideramos ser o máximo; ao contrário, indaguemos tão-somente: aquele que se empenha em reproduzir a forma das escrituras clássicas pode conhecer outro objetivo senão a graciosidade e a beleza? Em que reside mesmo aquele verdadeiro encanto dos escritos da Antiguidade, cujo apogeu nenhum tempo logra desfazer, em que consiste aquela magia irresistível que cativa a admiração de todos os séculos? É a própria Graça, a que nunca envelhece, a que está eternamente em flor! Por este motivo, é e continua a ser a tarefa suprema de todo traduzir: do Belo para o Belo! E quem não puder ou quiser ambicionar esta meta é indigno da alta missão de mediação entre o tempo antigo e o moderno, e não turve a fonte pura do discurso clássico com mãos sujas e mantenha-se distante da Antiguidade¹⁵.

O que Goethe¹⁶ exprime de modo bastante enigmático, ao designar como a terceira e mais sublime época de tradução aquela em que se quer tornar a tradução idêntica ao original, de modo que um *não* deva valer *em vez do outro*, mas *sim no lugar do outro*, encerra a terceira exigência que pleiteamos de uma tradução, isto é, que ela seja *propriamente algo*. Ela não deverá ser tão-somente um sucedâneo, um substituto da inacessibilidade do original. Queremos uma tradução que as pessoas possam desfrutar para si, sem primeiramente

¹⁴ O tradutor precisa afirmar a aparência da mais perfeita liberdade com a mais perfeita regularidade. Não basta eliminar dificuldades, *também precisa ficar oculto o suor que a vitória custou* (Jacobs: *Vermischte Schriften* [Obras Mistas de Jacob]. Parte II, p. 19).

¹⁵ Será que, mediante essas traduções, como as temos principalmente de obras de Tácito, o juízo sobre o valor artístico dos escritores da Antiguidade, i.e., a ideia sobre a própria Antiguidade, não precisa ser totalmente invertido? – Com a tradução de *Woltmann* acontece o que lhe cabe, pelo crítico do *Hallesche Allgemeine Literaturzeitung*, 1826, 89: “Quem não pensará, ao ler a tradução de *Woltmann*, que *Tácito* escreveu um latim tão rude, tão avultado e barbaresco quanto o era o canto de guerra dos antigos germânicos, que Amiano Marcelino comparou com um carro de guerra rolando sobre um caminho de troncos”.

¹⁶ *Sämtliche Werke* [Obras completas] Parte VI, p. 239.

necessitar retrovertê-la para a escrita original a fim de torná-la desfrutável. É inadmissível que ela somente obtenha seu valor através de seu protótipo, é inadmissível que se assemelhe a um símbolo que somente vem a ganhar significado através daquilo de onde foi retirado, ou a uma relíquia que somente é aquilo que é por meio daquilo que faz lembrar. Em todo caso, a tradução corresponderá a essa tarefa, se contiver em si aquelas duas primeiras exigências, afinal de contas, uma obra que reúne em si correção e graça já é propriamente algo em si, já é uma entidade autônoma; e quando *Solger* presume que uma tradução não seria uma obra de arte¹⁷, uma vez que ela não representaria nada extraído da alma e apenas seria um produto da erudição, tal definição até pode adequar-se à época dele; e quanto a nós, contentamo-nos em retrucar que a uma tradução não deve faltar pelo menos a marca essencial de uma obra de arte: a completude em si mesma.

Por fim, é inadmissível que uma tradução seja uma confecção arbitrária e artesanal de uma mercadoria, como o mercado das fábricas de traduções a apresenta todos os anos. Se o fim de todo traduzir é ou deve ser mediação da Antiguidade ou da contemporaneidade, resulta, pois, que o próprio tempo tem de abrigar em si a possibilidade e a necessidade de uma mediação dessa natureza. Pois sem a existência de uma determinada semelhança das condições gerais e de uma certa paridade do estado de espírito, é impensável um correto entendimento do escritor renascido; e sem a base desses matizes análogos do presente, os quais, sozinhos, condicionam apenas receptividade e acolhimento, uma tradução permanece sendo uma semente infrutífera, uma substância estranha que o processo digestivo do tempo expulsa, sem absorvê-lo no sangue da consciência. Mas a personalidade do tradutor precisa estar, por completo, numa relação exata com seu original. É preciso ser mesmo um poeta para poder traduzir um poeta. Entretanto, com isso não se está afirmando que se exigiriam um talento e um gênio igualmente grandes, e que nós primeiramente teríamos de esperar surgir um *Ésquilo* alemão, a fim de obtermos uma reprodução alemã do original. Não se trata disto, o tradutor não tem de ser igual em força, apenas precisa ser capaz de absorver em si seu escritor, equiparar-se de certa maneira a este. A capacidade de penetrar no espírito do protótipo, de pôr-se na sua pele e de identificar-se com ele basta perfeitamente para representar a originalidade. É necessário haver uma relação entre o escritor e o tradutor, como *Goethe*¹⁸ a supõe entre *Wieland* e *Cícero* ou *Horácio*, ou como aquela existente entre

¹⁷ E se certas traduções foram elogiadas por garantirem ao leitor o prazer de as retroverterem continuamente, de algum modo, para o original, então isso me parece condenar francamente o valor artístico desses trabalhos. (Droysen em suas *Des Aristophanes Werke* [Obras de Aristófanes], Parte I, Prefácio, p. XIX).

¹⁸ *Sämtliche Werke* [Obras completas], Parte XXXII, p. 251.

o próprio *Goethe e Eckermann*. Se com isso não for possível constituir um tradutor, se for necessário entregar ao sabor do destino quando e onde ele surgirá, assim mesmo, as condições para a sua entrada em cena acabam por não serem tão elevadas, a ponto de o tempo somente passar a ver tradutores talentosos, da mesma forma que acontece com os grandes originais, tão-somente entre longos intervalos.

De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular diretamente conteúdo estrangeiro; inversamente, tem de escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de, com a mão boa, extrair o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente. Desse modo, foi uma boa ideia de *Lange* reproduzir *Heródoto* nas vestes da língua de *Lutero*, pois certamente esta se encontra numa relação para conosco semelhante à existente entre a língua de *Heródoto* e o seu tempo. O suave, mas forte, o familiar, o loquaz, o cordial, o desadornado e sóbrio, todos esses elementos são comuns às duas linguagens; e por isso temos com a tradução de *Lange* uma impressão semelhante com a produzida pelo original, embora em *Lange* pareça, em parte, rebuscado o que em *Heródoto* é natural: ele degenera em afetação, tornando-se, com isto, repugnante. Por essa razão, cabe-lhe o mérito da ideia, mas a realização ainda está reservada a alguém mais feliz. Até mesmo a opção sobre o uso dos pronomes de tratamento¹⁹, para escolher um exemplo de valores aparentemente iguais, é da maior importância, quando se trata de encontrar o correspondente e análogo no seio da língua materna. Na maioria das vezes, negou-se todo e qualquer sentimento nacional e popular com a imitação dos metros clássicos²⁰, como se fosse possível, sem maiores delongas, reproduzir a mesma coisa com um material totalmente

¹⁹ Sobre esse tema há boa leitura em um Programa Pedagógico do meu venerável pai, J. A. *Schäfer*, publicado em Ansbach no ano de 1794, bem como no prefácio de sua tradução das Cartas de *Plínio*.

O velho *Gellert* entende como muito correta a analogia, vista como necessária e única capaz de gerar frutos, quando, em seu ensaio prático sobre o bom gosto em cartas plinianas, traduz *Tu* por *Sie*, afirmando: “Em uma carta que apresento como exemplo, *Sie* pareceu-me necessário para tornar perceptível a semelhança entre as cartas da Antiguidade Clássica e as nossas, e para convencer mais rapidamente o leitor de que as regras de uma boa carta sempre foram as mesmas.”

²⁰ *Fischart*, o *Rabelais* alemão, acrescenta, após entoar loas à capacidade de sua língua materna de imitar também o hexâmetro: “Se eles (os versos alemães) não mantêm a credulidade da prosódia e da afinação como nos gregos, então é perfeitamente justo que, assim como *não devem sua língua a outrem*, também *não querem andar no galope de outrem*. Toda língua tem *sua tonalidade especial inata* e assim também deverá *permanecer com o mesmo hábito*.”

diferente, por exemplo, construir uma ponte de pedra com o mesmo projeto de uma ponte de madeira ou uma ponte de ferro exatamente como uma de pedra, e como se, antes, cada substância não trouxesse em si suas próprias leis de aplicação²¹. Um tradutor imparcial será conduzido pelo seu próprio sentimento em relação ao que deverá sacrificar ou absorver e ao que deverá usar na língua materna para substituir a parte sacrificada. Nesse caso, é preciso observar que, após a nossa língua haver sido enriquecida por alguns belos acréscimos de metros paulatinamente aclimatizados, já não temos tanto a sacrificar como antes, mas, muito mais, já se nos encontra aberto um amplo campo de recursos vernaculares, para podermos apresentar antigos originais com bastante veracidade formal.

Mas como *Schleiermacher* combate este método defendido por nós, cujo objetivo é trabalhar para que finalmente possamos apreciar os antigos, em nossa língua materna, da maneira como eles viviam? Ele prescinde de uma tradução dessa natureza, não porque a menospreze, mas porque a considera impossível. “Como se pode querer separar uma pessoa de sua língua nativa e achar que uma pessoa ou mesmo apenas uma sequência de ideias de uma pessoa possam ser as mesmíssimas em duas línguas? Ou mesmo que, de certa maneira, sejam distintas, como pode alguém arvorar-se em decompor o discurso até atingir seu âmago, excretar daí a parte da língua e, mediante um novo processo igualmente químico, deixar que o âmago da língua se associe à essência e à força de uma outra língua?”

Indubitavelmente, não se pode separar o ser humano de sua língua como o fruto de sua casca, e ela não é uma roupa que se despe a alguém para vesti-lo em seguida com outra roupa. Mas será que o tradutor de *Schleiermacher* trata essa verdade de modo mais digno que nós? Ele se veste como o romano ou como o grego se vestia, apresenta-se, em seguida, nesse disfarce e começa a sua comédia! – Se o pensamento cria sua forma, do modo como a alma se cerca – de certo modo por si só – do corpo que lhe convém, então ele certamente também poderá fazer o mesmo mais uma vez, em alemão, o que já fez uma vez em grego. Portanto, trata-se apenas de o tradutor ter afinidade de espírito e ser dedicado o bastante para repensar o pensamento já pensado uma vez, ou seja, registrá-lo em si e deixá-lo reproduzir-se com o espírito livre (da mesma maneira como ocorre com a mulher para o embrião). De

²¹ Sobre a maneira como um tradutor sensato deverá proceder em relação à métrica, é mister conferir o prefácio de *Droysen* à sua tradução de *Des Aristophanes Werke, I. Theil* [As obras de Aristófanes, Parte I], p. XI a XVI.

nós não é exigida nenhuma palhaçada, mas um ressurgir em um espírito homogêneo e em uma forma homogênea²².

Em segundo lugar, *Schleiermacher* teme que uma tradução desse tipo deva necessariamente perder-se em reprodução. Ele faz a tentativa de demonstrá-lo a partir da impossibilidade de transpor a linguagem filosófica, totalmente fechada no seio de um determinado círculo, sem nem parafrasear nem imitar, considerando essa tarefa, no caso da comédia, inteiramente inexecutável.

Ora, na Filosofia já se está acostumado a que todo filósofo e toda filosofia *crie e faça* uma linguagem artificial própria. Assim, também queremos deixar *Platão* e *Aristóteles* com sua língua e permitir a seu tradutor que, neste caso, *crie* expressões especiais, na medida em que o campo das definições técnicas o exigir. Na comédia, porém, o tradutor não poderá deixar de ser, *em parte*, um reproduzidor. Desse modo, porém, apenas uma diferença gradual, não uma específica, é condicionada pelas outras traduções. Toda tradução, inclusive a de *Voss* e *Schleiermacher*, é *em parte* reprodução. Pois uma substituição *geral* de uma série de coisas novas, de modo que uma obra seja totalmente arrancada do seu ambiente e incorporado ao nosso, é reprodução, mas substituição parcial é *tradução*. Aliás, quando *Schleiermacher* escolhe justamente *Aristófanes* para mostrar a inviabilidade do nosso método, ele então, para nós, não poderia ter feito uma melhor escolha. Pois, aqui, não apenas temos, por intermédio de *Goethe*, um exemplo de reprodução perante a tradução, mas também, nesta última disciplina, dois desempenhos que nós não teríamos mesmo sido capazes de encontrar mais convenientes. Conforme o processo de *Wolf*²³ e segundo a tentativa fracassada de *Voss*²⁴, *Droysen* reproduziu-nos o poeta clássico de maneira tal que este acabou se transformando num dos nossos ou, como afirma um engenhoso crítico literário²⁵: “O empenho de *Droysen* assume o papel do verdadeiro e definitivo processo de digestão de poetas clássicos, ao arrepio da tarefa empreendida por *Voss* de enriquecer nossa

²² Ocorreu-me que quem pretende apresentar um grande da Antiguidade ao nosso século nele deverá transformar-se, não de forma escravizada, mas proferir, conforme reza a Escritura, κατ' ἐξουσίαν, o caráter da expressão do autor. Johannes von Müller. *Sämtliche Werke* [Obras completas] VIII, p. 412.

²³ V. na Correspondência [Briefwechsel] de *Schütz*, Parte I, p. 220, o parecer de *Jacob* sobre *Wolf* e *Voss*.

²⁴ Na verdade, a tradução de *Voss* é e permanece um curioso fenômeno moral do nosso tempo, causado e fomentado por este, mas, do ponto de vista estético e técnico, não deveria ser avaliada sequer para uma iniciativa bem sucedida de preparação para um futuro êxito. Este deveria fazer-se presente, se tomássemos a peito um conselho de Deus: (Frösche [As rãs] 1445) “Fale um pouco menos erudito e mais compreensível.” Crítica em *Hermes* XVII, p. 7.

²⁵ *Hallische Jahrbücher* 1839 1.

língua e nossa poética com especificidades da Antiguidade Clássica. – Ele tenciona dar, e realmente dá, uma tradução não apenas erudita e esquisitamente (?) elegante, mas também poesia e o poeta clássico realmente viçoso e remoçado, no espírito intelectual da contemporaneidade alemã.”

Nesse espírito e nesse sentido, toda a Antiguidade Clássica precisa ser trazida para perto de nós. Deixe-se temer, ainda assim, o conflito de interesses de que a mistura entre o caráter e a personalidade do tradutor possa desfigurar o autor, e de que a imagem deste, observada por esse meio, não se nos possa manifestar totalmente na mesma luz! Se também o tradutor reivindicar uma parte do interesse por sua personalidade, em troca ele também nos mostrará, através de seu próprio exemplo, o que se pode obter a partir de uma fiel dedicação ao original, e se tornará nosso guia não apenas com suas palavras, mas também com seus atos. E, em meio a esta dedicação aos antigos, nós todos devemos aspirar a um ganho desses; mas não podemos usufruir deste, sem que antes entendamos aqueles a fundo e por completo, de modo que nos tornemos, nós a eles, e eles a nós, inteiramente familiares. Não obstante, com meio caminho andado, aqui nada se logrará. Apenas as pessoas egoístas ou os fracotes prestam meia ajuda ao invés de ajuda inteira: aquelas, tratando de fazer com que nunca se possa prescindir dos seus serviços, e estes, por não poderem fazê-lo melhor. A pessoa competente, o mestre de sua própria disciplina, não oprime com uma mão para ajudar a subir com a outra. Somente através de mediações dessa espécie, como as exigidas por nós, soluciona-se a tarefa que, perante a Antiguidade Clássica como uma parte da história mundial, temos de nos propor, e apenas assim poderá ser alcançado, paulatinamente, que a mesma deixe de ser um mero nome, e que a contemplação paralisante diante do incompreendido transforme-se em um prazeroso descobrir e em um entusiástico imitar!

Passando agora ao verdadeiro ensejo deste evento, em nome da Diretoria e de nosso quadro de professores, tenho a honra de convidar todos os patronos e amigos da formação de jovens a brindar-nos com sua presença na já anunciada solenidade de entrega de prêmios.

Erlangen, 28 de agosto de 1839.